

Masculinidades Negras e Paternidade em *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo

Black Masculinities and Fatherhood in *Becos da Memória*, by Conceição Evaristo

Lucélia Canassa¹

Universidade Estadual de Londrina

Resumo: Este artigo analisa as representações da paternidade negra no romance *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, com foco nas trajetórias de Tio Totó e Maria-Velha. O objetivo é demonstrar que a recorrente ausência paterna, historicamente associada a estereótipos de abandono e negligência, adquire novos significados quando compreendida a partir das permanências da escravidão e da colonialidade. A pesquisa articula a análise do romance aos estudos sobre masculinidades com um enfoque interseccional entre gênero, raça e classe social, considerando que o entrelaçamento entre esses elementos influencia a experiência dos homens enquanto pais. A análise, portanto, evidencia como os sujeitos são atravessados por processos históricos de violência, deslocamento e exclusão que, em muitos casos, inviabilizam o exercício da paternidade. Ao humanizar esses homens por meio do afeto, da vulnerabilidade e da memória coletiva, Evaristo desloca representações cristalizadas da masculinidade negra e amplia as possibilidades de compreensão da paternidade para além dos discursos de ausência e fracasso.

Palavras-chave: masculinidades negras; paternidade; literatura contemporânea.

Abstract: This article analyzes the representations of Black fatherhood in the novel *Becos da Memória*, by Conceição Evaristo, focusing on the trajectories of Tio Totó and Maria-Velha. Its objective is to demonstrate that the recurring absence of the father, historically associated with stereotypes of abandonment and neglect, acquires new meanings when understood through the enduring legacies of slavery and coloniality. The study combines a literary analysis of the novel with masculinity studies through an intersectional approach to gender, race, and social class, considering that the interplay among these dimensions shapes men's experiences as fathers. The analysis shows how these subjects are marked by historical processes of violence, displacement, and exclusion that, in many cases, make the exercise of fatherhood impossible. By humanizing these men through affection, vulnerability, and collective memory, Evaristo challenges crystallized representations of Black masculinity and broadens the possibilities for understanding fatherhood beyond discourses of absence and failure.

Keywords: Black masculinities; fatherhood; contemporary literature.

Submetido em 29 de janeiro de 2026.

Aprovado em 21 de julho 2026.

¹ Doutoranda em Letras - Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: lucelianacanassa@uel.com.br

Introdução

Historicamente, os homens negros têm sido representados de forma estereotipada e desumanizadora, tanto na mídia como na literatura. Imagens que os retratam como ausentes, irresponsáveis ou violentos acabam influenciando a percepção coletiva sobre suas capacidades de serem pais presentes e afetivos. Há, entretanto, um movimento crescente de resistência contra essas narrativas, em que homens negros ressignificam as masculinidades e as paternidades que os rodeiam. Na literatura, especialmente na contemporânea, é possível identificar obras que trazem à tona essas discussões. Escritores como Conceição Evaristo têm incluído em seus trabalhos narrativas que desconstróem os paradigmas sobre a masculinidade negra e destacam a importância da paternidade e do afeto como atos de resistência. A proposta deste trabalho é fazer uma análise do romance *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo, em diálogo com os estudos das masculinidades e sob o enfoque interseccional entre raça, gênero e classe social, a partir das figuras paternas, principalmente a de Tio Totó e, assim, refletir sobre essas representações e as influências da escravidão no exercício da paternidade.

Becos da memória é o segundo romance publicado por Evaristo e, nele, as histórias são construídas a partir das memórias. Sua escrita, porém, é anterior ao primeiro livro publicado, *Ponciá Vicêncio* (2003). Segundo Evaristo, foi o seu “[...] primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez na escrita de *Becos*, mesmo que de modo quase que inconsciente, eu já buscasse construir uma forma de escrevivência” (Evaristo, 2017, p. 9). Da escrita à publicação deu-se 20 anos e a autora relata que, em contrapartida deste longo tempo, “o processo de escrita do livro foi rápido, muito rápido”:

Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia. Tenho dito que *Becos da memória* é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção.

Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. [...] nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira (Evaristo, 2017, p. 10-11).

A concepção de escrita de Conceição Evaristo evidencia o estado híbrido do romance, situado entre a experiência vivida, a lembrança e a invenção literária. Rompe, portanto, com a oposição rígida entre verdade e ficção. A memória aqui é deslocada de

um lugar de simples registro do passado: é uma memória que além de conservar, transforma, pois é justamente nas lacunas e naquilo que se esquece que a invenção se torna necessária. Ao dizer que “nada que está narrado [...] é verdade, nada [...] é mentira”, Evaristo reivindica uma verdade outra: não a verdade factual, documental, mas a verdade da experiência coletiva, da memória afetiva e social. Trata-se de uma escrita em que a preocupação com a exatidão dos fatos é menos central do que preservar a densidade histórica das vivências narradas. Nesse sentido, no início do romance, a voz que narra nos diz:

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita [...]. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin (Evaristo, 2017, p. 17).

Aqui está a noção de escrevivência: escreve-se a partir da vida, mas sem reduzi-la ao testemunho literal. Em meio a tantos personagens salvos pela memória e pela ficção, em meio aos “[h]omens, mulheres e crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (Evaristo, 2017, p. 17), nesta investigação darei especial atenção aos personagens masculinos, sobretudo àqueles que vivem a paternidade.

1. Paternidade e o Sistema Escravocrata

Nos romances contemporâneos, ainda é recorrente a presença de figuras paternas inscritas em modelos tradicionais, como o pai distante, autoritário, ausente. Essas imagens, amplamente cristalizadas no imaginário literário, tendem a reproduzir concepções normativas de masculinidade associadas ao controle, à ausência e ao próprio distanciamento afetivo. Com as transformações nas configurações familiares, algumas mudanças se apresentam e o meu interesse incide em pensar em modelos de paternidade que ultrapassam esses estereótipos já conhecidos. A busca por representações de paternidade mais plurais, afetivas e complexas revela-se um percurso atravessado por tensões, na medida em que tais narrativas colocam em xeque as noções hegemônicas de masculinidade e os modelos tradicionais de exercício da função paterna. Ao deslocar o pai do lugar exclusivo da autoridade ou da provisão material, algumas obras passam a explorar dimensões como o cuidado, a vulnerabilidade, o afeto e a responsabilidade

emocional, abrindo espaço para novas possibilidades de subjetivação masculina.

Quando o recorte de análise é especificamente a paternidade negra, outras camadas de complexidade se apresentam. Assim, o aporte teórico da interseccionalidade é fundamental, uma vez que a experiência da paternidade não pode ser compreendida apenas a partir da categoria de gênero, mas exige a consideração articulada de raça e classe social. Como discutem Collins e Bilge ao pensar a interseccionalidade como ferramenta analítica: “lentes monofocais para abordar a desigualdade social deixou pouco espaço para os complexos problemas sociais que elas enfrentam” (2020, p. 19). O entrelaçamento dos marcadores sociais citados influencia de maneira decisiva as formas de vivenciar e, conseqüentemente, narrar e representar o exercício da paternidade. Ou seja, as experiências não se enquadram nos modelos universalizantes de exercício da paternidade. No artigo² “As representações do homem negro e suas conseqüências”, Rolf Ribeiro de Souza “traz importantes reflexões sobre a representação do homem negro na sociedade brasileira”, pois “nos fala de um questionamento da representação do negro, tomando como referência as ideias de Frantz Fanon que nos ensinou que o homem negro, no imaginário ocidental, não é um homem, antes ele é um negro [...]” (Souza, 2009, p. 97). O antropólogo ilumina uma questão indispensável, pois “[o] homem branco heterossexual possui o *status* exigido pela sociedade, cujos valores são estruturados tendo-o como a principal referência” (Souza, 2009, p. 109). Além das desigualdades sociais e econômicas que atravessam o cotidiano desses sujeitos, a paternidade negra é frequentemente marcada pelo enfrentamento do racismo estrutural e institucional, o qual impacta diretamente a forma como esses homens são percebidos, legitimados ou desautorizados enquanto pais, tanto no espaço doméstico quanto no espaço público.

Nesse sentido, em *Becos da memória* é possível compreender a paternidade negra não apenas como experiência individual, mas como posição historicamente produzida pelo sistema colonial de poder, conceito formulado por Aníbal Quijano, cujo eixo central é a classificação social da população mundial segundo a ideia de raça, que passa a organizar o controle do trabalho, da autoridade, da subjetividade e do conhecimento:

Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista.[...] Historicamente, isso significou uma nova

² O pesquisador analisa a representação do homem negro em livros como *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, e as novelas *Senhora do Destino*, de Aguinaldo Silva, e *Da Cor do Pecado*, de João Emanuel Carneiro, ambas produzidas e exibidas em 2004.

maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal [...] os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial (Quijano, 2025, p. 118).

No romance, as figuras paternas podem aparecer marcadas pela ausência e o silêncio, mas essas características não podem ser lidas de modo moralizante. Pelo contrário, as ausências, nesses casos, pertencem ao lugar da falta de escolha e agência, como conseguiremos analisar no personagem de Tio Totó. A narrativa do “pai ausente” não pode ser aplicada automaticamente à experiência histórica de homens negros que foram escravizados ou que são filhos de pessoas escravizadas. A ausência paterna, nas famílias negras marcadas pela escravidão, não é uma escolha individual, nem resultado de desinteresse, irresponsabilidade ou falha moral, como muitas vezes aparece em narrativas sobre famílias não negras. A escravidão não teve como preocupação a preservação dos vínculos familiares. Pelo contrário, o impedimento dos homens negros de exercerem a paternidade acontece a partir daquilo que era comum: pais vendidos separadamente, deslocamentos forçados e, em resumo, o direito de constituir família negado. Aplicar a categoria “pai ausente” sem considerar esse contexto histórico produz uma leitura incoerente, pois ignora que a ausência foi imposta pela violência estrutural da escravidão e de seus desdobramentos no pós-abolição, e não fruto de abandono voluntário. A partir disso, é possível argumentar, também, que as narrativas tradicionais sobre paternidade foram construídas a partir de experiências brancas e, dessa forma, a ausência do pai negro, em contextos de ex-escravização, precisa ser lida como efeito histórico, social e político. Trata-se, portanto, da persistência de estruturas estabelecidas pelo colonialismo, que continuam a organizar a sociedade e o conhecimento mesmo após o fim do colonialismo formal.

2. São, Salvo e Sozinho: as Histórias de Tio Totó e Maria-Velha

Tio Totó é um dos personagens centrais de Evaristo em *Becos da memória*. Um dos primeiros relatos a seu respeito gira em torno da necessidade de mais uma mudança e da consequente impossibilidade de criar raízes:

Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com o olhar de despedida. Olhava sua terceira mulher, seus netos órfãos, sua casinha caiada de branco, algumas galinhas e o chiqueiro vazio.
- Perdi as forças, Maria Velha. [...] (Evaristo, 2017, p. 18).

Evaristo escreve de forma poética e entrega, pouco a pouco, as pistas ao leitor sobre um fato que perpassa todos os personagens que vão compor a narrativa: os moradores da favela precisam sair porque o espaço onde vivem seria desapropriado e destruído em nome de um projeto de “progresso” urbano. No trecho, evidencia-se o desamparo de Totó já em idade avançada, enquanto o corpo pedia terra, a realidade se apresentava de forma cruel. Ele duvida das próprias forças, pois a necessidade dos recomeços já havia sido imposta mais de uma vez em sua vida. A expulsão, aqui, pode ser lida como uma continuação histórica da escravidão: sem terra, sem trabalho estável e sem moradia garantida, os descendentes de pessoas escravizadas permanecem em situação de vulnerabilidade:

Os tratores da firma construtora estavam cavando [...] Algumas famílias já estavam com ordem de saída e isto precipitava a dor de todos nós. Cada família que saía, era uma confirmação de que chegaria a nossa vez. Ofereciam duas opções ao morador: um pouco de material, tábuas e alguns tijolos para que ele construísse outro barracão num lugar qualquer, ou uma indenização simbólica, um pouco de dinheiro. [...] Quem optasse pelo dinheiro recebia uma quantidade tão irrisória, que acabava sendo gasta ali mesmo. Depois vinha o pior, decorrido o prazo de permanência, nem o dinheiro, nem as tábuas, nem os tijolos, só o nada (Evaristo, 2017, p. 71).

O avanço dos tratores materializa a ameaça de expulsão e transforma a espera em sofrimento coletivo, evidenciado, sobretudo, pelo uso da primeira pessoa do plural – “a dor de todos nós”/ “chegaria a nossa vez”. As “opções” oferecidas aos moradores revelam-se falsas escolhas, pois tanto o material insuficiente quanto a indenização simbólica conduzem à mesma condição de desamparo que, junto com a impossibilidade de enraizamento, remetem mais uma vez as heranças da escravidão:

Quanto Tio Totó se entendeu por gente, ele já estava em Tombos de Carangola. Sabia que não nascera ali, como também ali não nasceram seus pais. Estavam todos na labuta da roça, da capina. Sabia que seus pais eram escravos e que ele já nascera na “Lei do Ventre Livre”. Que diferença fazia? Seus pais não escolheram aquela vida, nem ele (Evaristo, 2017, p. 18).

A frase inicial marca a consciência de si já atravessada pela falta de escolha. Há “já” uma realidade previamente imposta. Nem ele nem seus pais nasceram ali, não

pertencem àquele lugar, estão longe das suas raízes. Há, portanto, uma mobilidade compulsória, nesse caso ligada ao trabalho rural, que se repete até naqueles que “já” não são escravizados. Isto é, embora os pais de Totó fossem escravizados, Totó “já” não era, mas esse fato, no enfrentamento da realidade, não fazia diferença. Ao falar sobre os pedidos de reparação relacionados à escravidão, Cida Bento, em *O pacto da branquitude*, expõe que:

[...] o Brasil se preocupou em prover reparação aos proprietários de escravizados. Em 1871, por exemplo, foi publicada a Lei do Ventre Livre, libertando os filhos das mulheres escravizadas, mas colocando-os sob custódia do senhor, que deveria receber uma indenização do Estado quando a criança completasse oito anos, ou poderia exigir compensação da própria criança, forçando-a a trabalhar até os 21 anos. Para Daniel Teixeira, essa foi uma clara medida de institucionalização do trabalho infantil, não por acaso, muito maior entre crianças negras na atualidade. Daniel afirma ainda que a Lei do Ventre Livre, ao prever indenização a escravocratas, também ia na contramão de países que adotaram medidas de promoção de direitos e integração econômica da população negra em contextos de abolição formal, como ocorreu no período denominado de *Reconstruction*, nos Estados Unidos, ao final da Guerra de Secessão (Bento, 2022, p. 21).

Em diálogo com leituras críticas da história brasileira que evidenciam a abolição inconclusa e a ausência de políticas de integração da população negra liberta – em que aquele que escravizou é indenizado e não o contrário – a pergunta retórica “que diferença fazia?” desmonta o falso discurso de liberdade e mostra que a condição de vida permanece a mesma. A continuação da escravidão, mesmo após a abolição de 1888, pode ser compreendida como um processo em que a exploração é reconfigurada: primeiro no meio rural, como mostra o trecho de Totó com seus pais e, posteriormente, no meio urbano, como no caso das favelas. No meio rural, a abolição não foi acompanhada por políticas de acesso à terra, educação ou trabalho digno. Ex-escravizados permaneceram nas fazendas como trabalhadores “livres” apenas no nome, submetidos a relações de dependência e violência. Esse diálogo com a escravidão, em *Becos da Memória*, acontece principalmente a partir dos personagens mais velhos, como Tio Totó e sua terceira companheira, Maria-Velha:

Havia uma história que Maria-Velha repetia sempre [...] Um dia, ela, Maria-Velha, ainda nos tempos de sua meninice, pulava que nem cabrita na frente de seu avô. Ele olhava, limpava os olhos e fungava sempre. Um dia, Maria descobriu que ele chorava. - O que foi, vovô, chorando? – Vovô chorando, chorando sim! Aquela menina [...] era a imagem fiel de uma filha sua. Filha que ele perdera de vista e que nunca mais vira.

Mãe de leite de uma criança, um dia a escrava se rebela contra o sinhô. Agarrou o homem pelo peito da camisa, sacudiu, sacudiu. A escrava foi posta no tronco, iam surrá-la até o fim. A criança, filha de leite, chora, grita, berra [...]:
 - Não matem “mamãe preta”, não matem “mamãe preta”!
 Os sinhôs resolveram então vender a escrava e nunca mais se soube dela (Evaristo, 2017, p. 30-31).

A impossibilidade da paternidade aqui se apresenta como falta de escolha, como argumentado anteriormente. Diferente da imagem cristalizada do pai ausente que abandona a família ou só age na parte financeira – ausência emocional – aqui lidaremos com pais que não podem exercer a paternidade por não serem livres, por serem mercadorias, assim como os seus filhos. O trecho mostra também a complexidade das relações na escravidão. A figura da “mamãe preta” explicita a contradição do sistema escravista: a mulher negra é central na criação e no cuidado da criança branca, mas permanece desumanizada e descartável. Sua rebeldia, na verdade, é a busca por dignidade, um ato de resistência que é punido com extrema violência. Pai e filha se separam sem possibilidade de reencontro. A menina, ao “pular que nem cabrita”, desperta uma memória e o choro do avô é por aquilo que não pôde viver. Mais adiante na narrativa, deparamo-nos com a história do pai de Maria-Velha e entendemos como ele também foi afetado pela crueldade da escravidão.

Quando venderam a sua irmã, por ela ter agarrado o sinhô pelo peito da camisa, ele vomitava ódio e prometia se vingar, pôr fogo na casa-grande. Chorou a noite toda. E o pai teve uma surpresa. Luís falou com ele durante horas naquela língua da terra distante. O pai pensava que o garoto soubesse falar só a linguagem dos brancos. Qual nada! [...] No outro dia Luís sumiu (Evaristo, 2017, p. 34).

Junto com a “rebeldia” da irmã, falar “naquela língua da terra distante” também é ato de resistência, é luta contra o silenciamento de uma cultura. Sem saber o que havia acontecido com o filho, o pai imagina que ele poderia ter sido vendido assim como a filha e outros parentes e, assim, “anos se passaram, o homem sem se rebelar, apenas a dor, o banzo alimentando a sua vida” (Evaristo, 2017, p. 34). Até que Luís reaparece:

Um dia, sem quê nem para quê, apareceu o menino, voltado já rapaz, homem feito. Luís de barba no rosto, alto, muito alto, sempre com aquele olhar distante.
 - Pai, vamos daqui, não é preciso nem falar pro sinhô da fazenda. Nessas andanças descobri coisas... Nem vender Iya, a mãe, com os filhos, nem vender Ayaba, minha irmã, podiam. Tenho algum dinheiro, labutei fora, trabalhei madeira e vendi (Evaristo, 2017, p. 34).

Embora se apresente uma possibilidade de vida menos difícil, com uma terra só para os dois que restaram – “o homem moço comprou um pedaço de terra, passaram a lavrar o que era de seu, pai e filho” (Evaristo, 2017, p. 34) – Luís não escapa da loucura. Maria-Velha não convive com o pai, embora “[o] pai, antes de endoidecer completamente, entre um sumiço e outro, fazia alguma coisa com a sua lucidez” (Evaristo, 2017, p. 30). Aqui há mais uma paternidade não exercida, mais uma família fragmentada e a memória da dor como elemento constitutivo da experiência negra: “[a] primeira vez que Maria-Velha viu seu pai, foi na rua. Fora comprar fumo de rolo para o avô [...] viu um homem igual ao vovô, só que novo. O homem fitava o além [...] Já estava quase louco. Maria, não velha ainda, tinha uns sete anos, talvez (Evaristo, 2017, p. 33). É possível interpretar, também, a loucura de Luís como metáfora de uma consequência histórica, resultado de uma vida marcada por perdas sucessivas, deslocamentos forçados e pela impossibilidade de elaborar o trauma herdado da escravidão. A cena do primeiro encontro de Maria-Velha com o pai é particularmente significativa: o reconhecimento não se dá pelo laço afetivo construído, mas pela semelhança física com o avô. O olhar do pai, “fitando o além”, indica um sujeito já deslocado do presente, capturado por memórias e dores que não se conectam com o momento presente.

Como já exposto, mesmo Tio Totó sendo “livre”, as condições de trabalho que se apresentam são uma continuação à escravidão. Dessa forma, ele relata:

- Maria-Velha, dizem uns que a vida é um perde e ganha. Eu digo que a vida é uma perdedeira só, tamanho é o perder. Perdi Miquilina e Catita. Perdi pai e mãe que nunca tive direito, dado o trabalho de escravo nos campos. Perdi um lugar, uma terra, que pais de meus pais diziam que era um lugar grande, de mato, bichos. De gente livre e sol forte... E hoje, agora a gente perde um lugar de que eu já pensava dono. Perder a favela! [...] (Evaristo, 2017, p. 29).

De forma semelhante ao vô de Maria-Velha, Totó também lamenta a perda de seus parentes, de sua filha, da sua paternidade inviabilizada por consequências diretamente ligadas aos tratamentos destinados aos corpos negros. Ele lamenta o não pertencimento e a falta de direito de viver em segurança. No importante texto “A questão dos direitos humanos e o combate às desigualdades: discriminação e violência”, ao falar sobre raça e direitos humanos no Brasil, Sueli Carneiro argumenta sobre aqueles que são vistos a partir de uma humanidade completa e àqueles que não são:

É de Joaquim Nabuco a compreensão de que a escravidão marcaria por longo tempo

a sociedade brasileira porque ela não teria sido seguida de “medidas sociais complementares em benefício dos libertados, nem de qualquer impulso interior, de renovação da consciência pública.” Na base dessa contradição perdura uma questão essencial acerca dos direitos humanos: a prevalência de uma concepção de que certos humanos são mais ou menos humanos do que outros e por conseqüência a naturalização da desigualdade de direitos. Se alguns estão consolidados no imaginário social como portadores de uma humanidade incompleta torna-se natural que não participem igualitariamente do gozo pleno dos direitos humanos (Carneiro, 2010, p. 1).

O trecho de Sueli Carneiro auxilia na compreensão de que as experiências de exclusão vividas pelas personagens não são circunstanciais, mas resultado da permanência das estruturas sociais herdadas da escravidão. Evaristo evidencia que a abolição não significou a inserção da população negra na cidadania, ao contrário, a pobreza, a precariedade da moradia, os deslocamentos forçados e a vulnerabilidade das relações familiares revelam a ausência das “medidas sociais complementares”. No romance, a favela surge como um espaço de continuidade da exclusão, em que o Estado segue operando a partir de uma lógica seletiva de direitos, na qual certos corpos não são considerados plenamente dignos de proteção. Trata-se exatamente da “humanidade incompleta” a que a Carneiro se refere. A primeira perda do personagem Totó, enquanto pai, se dá quando ele precisa deixar a fazenda em que trabalhava, pois as terras haviam sido vendidas:

Totó juntou a mulher, a filha e alguns trapos [...] Foram dias e dias sobrevivendo pelo mato [...] Havia o rio para atravessar, uma canoa improvisada de tronco de árvore [...] Já havia mais de uma semana de chuva. O rio subindo, mais e mais. O desespero também. [...] O rio, a cheia, o vazio da barca improvisada, o turbilhão, a vida, a morte, tudo indo de roldão.
Totó alcançou só a outra banda do rio. Uma banda de sua vida havia ficado do lado de lá (Evaristo, 2017, p. 20-21).

É assim que ele fica “são, salvo e sozinho” pela primeira vez – trabalho semântico que aparece em toda a narrativa de Totó. Quando chega a outra banda do rio, chega sozinho, sem a esposa e a mulher. Depois de um tempo de luto, conhece Nega Tuína em uma fazenda em que ambos trabalhavam. É nesse relacionamento que a transição do campo para a cidade acontece: “Totó e Nega Tuína vieram caminhando para a capital. Não tinham pressa para chegar” (Evaristo, 2017, p. 88). Mesmo que existisse o desejo de ter filhos, Nega Tuína demora para engravidar. Após cinco anos, quando consegue aquilo que desejava, já na cidade, Nega Tuína engravida de gêmeos e, em um parto difícil, a mulher não resiste:

Quando Vó Rita chegou com a ambulância, a vida de Nega Tuína não precisava de mais nada. Totó, Tita e Zuim é que de tudo precisavam de tão sozinhos que estavam. Tio Totó experimentou mais uma vez o gosto amargo, a falta de jeito, o estar são, salvo e sozinho (Evaristo, 2017, p. 134).

Totó precisa lidar com a perda da segunda mulher e é nesse momento que Maria-Velha entra em sua vida: “Quando Tia Maria Domingas viu o viúvo Totó tão atordoado, tão triste e sem jeito com duas crianças, a mulher, numa tarefa-amor, descobriu um novo modo de ser. Ia ser mãe-avó de filhos que nunca tivera. E o seu coração adotou Tita e Zuim” (Evaristo, 2017, p. 135). Nesse encontro, é como se ambos, Maria-Velha e Tio Totó, juntassem suas perdas e, nessa soma, a partir de uma equação nada matemática, houvesse um tipo de ganho, um reparo em meio a tantos fragmentos. Os gêmeos não sobrevivem – mais uma paternidade que Totó não vivencia –, mas, junto de Maria-Velha, formam uma família: sem filhos biológicos, porém com muito afeto. Pela perspectiva de Negro Alírio – outra representação de masculinidade que não performa a virilidade e luta pelo coletivo – há o seguinte retrato:

Ele passara o resto da noite em casa de Tio Totó. Ficara impressionado com o velho. Ficara impressionado com tudo: com o barracão caiado de branco, com uma cruz de madeira na parede, com a caixa de congada, com a coroa de rei. [...] Dentro do barracão, conviviam três gerações. Tio Totó era, talvez, uns quarenta anos mais velho que Maria-Velha. Olhou os três e pensou que, se soubesse pintar, faria um belo quadro. Reteve a cena, teve a sensação de que diante de si estava a eternidade. Pensou que Deus é eterno sim, mas o homem de certa forma também é. A menina parecia ser a continuação dos dois. O velho e a mulher se eternizavam por meio da menina (Evaristo, 2017, p. 91-92).

A menina é Maria-Nova, uma das filhas de mãe Joana, irmã de Maria-Velha. Menina negra e moradora da favela, possui a sensibilidade e capacidade de escuta que a tornam guardiã das histórias dos mais velhos, como Maria-Velha, Tio Totó, Vó Rita, Bondade e Negro Alírio. Esses são os personagens que encarnam o afeto e a esperança, que são aceitos em todas as casas da favela, justamente porque possuem a função de elo. Mesmo com o baque do desfavelamento, mesmo com mais um corte abrupto de vínculo tal qual os dos tempos de escravidão – cada família vai para um lugar e, em consequência, dificilmente irão se reencontrar –, são eles que tentam manter a chama da resistência acesa. Eles usam a única arma que possuem, a que ninguém pode tirar: o afeto.

É importante destacar que, em *Becos da memória*, as representações dos homens e pais aparecem quase sempre mediados pela memória feminina. São as mulheres que lembram, narram, preservam e reelaboram a imagem desses homens. Conceição Evaristo

cunha o conceito de escrevivência para nomear uma escrita que nasce da experiência vivida, sobretudo das mulheres negras. A voz feminina, nesse sentido, não fala apenas sobre essas mulheres, mas fala desde dentro, articulando corpo, memória e palavra. Trata-se de uma escrita que rompe com a neutralidade do discurso literário tradicional, pois é uma voz que não individualiza, que se constrói como voz coletiva, e é isso que Maria-Nova representa. No romance, ela observa, ouve e reconta, num movimento muito próximo da oralidade afro-brasileira:

Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. História boas, alegres e tristes eram as de Tio Totó e da tia, Maria-Velha. Aquelas histórias ela colecionava na cabeça e no fundo do coração, aquelas ali haveria de repetir ainda (Evaristo, 2017, p. 31).

3. Senzala-Favela

O envelhecimento de Tio Totó não se dá “[...] pelos cabelos brancos, porque havia muito que ele já os tinha”, nem porque “andasse meio trôpego nem porque já trouxesse a voz meio rouca”. Tio Totó que “sempre fora um homem de risos e sorrisos fartos”, que “viera de pais escravos. Viera são, salvo e sozinho da outra banda do rio, deixando na água o melhor de seu. Viera de uma primeira e de uma segunda mulher mortas. Viera de filhos mortos” resiste a todas essas perdas, mas envelhece à medida em que as esperanças escasseiam: “Envelhecia porque nem vontade de recomeçar de novo tinha. Envelhecia ao fazer um balanço de toda a sua vida e só ver a morte como única saída” (Evaristo, 2017, p. 48). Maria-Nova sabia “que Tio Totó queria morrer porque se sentia mais uma vez ludibriado na vida”:

Ela compreendia a razão dele, mas perguntava ao Tio Totó:
 - E nós, e eu?
 Tio Totó insistia:
 - Maria-Nova, para que sirvo? A favela acabando, por que eu tenho de ir com vocês: Por que não parar aqui? Meu corpo pede terra.
 Tio Totó não entendia que seus noventa e tantos anos eram necessários aos quase quinze de Mariinha (Evaristo, 2017, p. 49).

Quando chega a cidade, junto de Nega Tuína e já contabilizando algumas perdas – seus pais, a primeira esposa, sua filha – ele ainda tem esperanças. Sai do campo para recomeçar mais uma vez, cria junto com a segunda esposa uma vida. Simples, difícil, mas uma vida. Depois, diante de mais perdas, ele ainda resiste com Maria-Velha e a família

que criam, sendo Maria-Nova o laço que os unem e os fazem exercer o cuidado, a preocupação, o afeto. O que, então, enfraquece Tio Totó? A marginalização dos corpos negros, o racismo estrutural, a exclusão habitacional, a violência estatal. Em síntese: o desfavelamento, que é metaforizado pelos tratores, alcunhado pelos moradores da favela de “bicho pesadão”: “campeava durante todo o dia, e nas noites de estrelas iluminando a terra, a fera campeava pelo tempo adentro e tudo era poeira e desespero” (Evaristo, 2017, p. 156). O som das máquinas atormenta Tio Totó: “[...] escutava os barulhos dos tratores desejando ensurdecer” (Evaristo, 2017, p. 129):

Nunca foi homem de desanimar, sempre tapeou as dores, sempre as reteve no escondido do peito. Nunca deixou que elas emergissem até os olhos e depois caíssem pela face abaixo. Tio Totó, até então, nunca havia chorado. Nem quando menino. Aprendera e acreditara desde cedo que “homem não chora”. [...] As dores-lágrimas lavaram a face de Tio Totó pela primeira vez, quando naquela noite os carrinhos-trator dos homens-vadios-meninos se beijaram mortalmente. E depois disto Tio Totó chorava sempre. [...] Tio Totó chorava por todas as dores juntas. Era um choro nervoso, desesperado. A dor ficara muito tempo, muitos anos estancada no peito. Agora jorrava como sangue em hemorragia (Evaristo, 2017, p. 130).

Conceição Evaristo, ao permitir que Tio Totó chore, subverte representações estereotipadas da masculinidade negra associadas à dureza, à insensibilidade ou à violência. O personagem é humanizado pela vulnerabilidade, e seu choro condensa “todas as dores juntas”: as pessoais e as coletivas, as do passado e as do presente. E, como último ato de resistência – embora triste, embora trágico – Tio Totó, de fato, não sai da favela:

Naquela manhã, Tio Totó acordou sentindo uma leveza no corpo. Olhava as duas Marias e Mãe Joana arrumarem as coisas nas trouxas. Estava calado e distante. Soltava, de momentos em momentos, um fundo suspiro. Chamou Maria-Nova e reclamou do frio. [...] Ela viu de perto no rosto, nos olhos, no jeito dele. Ela viu, ela sentiu a despedida. Maria-Nova sufocou o grito que vinha dela, que vinha dele. Era a morte, era a vida. Era Tio Totó sendo levado de roldão. Desta vez era Totó que ficara do lado de lá, era ele que não conseguira fazer a travessia, que não conseguira alcançar a outra banda do rio (Evaristo, 2017, p. 176).

Tio Totó faz a passagem do corpo que em vida pedia terra e não suportaria mais cortar raízes. Cumpre sua jornada, planta suas sementes na terra que tanto trabalhou e desejou. Maria-Nova germina: além de atenta, era aluna dedicada, mesmo diante da adversidade. Na escola, quando as aulas eram sobre os tempos da escravidão, reflete sobre o passado e o presente:

Senzala-favela. Nesta época, ela iniciava seus estudos do ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar,

como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. [...] Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela! (Evaristo, 2017, p. 73).

Ao aproximar a senzala da favela, a menina faz a leitura de que a escravidão se transforma na atualidade brasileira, mas não se encerra. Traz, de certa forma, a interpretação de como a colonialidade molda as relações de poder, tanto ao perceber que no espaço escolar há poucos alunos negros como na opção de “fechar a boca”. Maria-Nova cresce. A dor de Tio Totó e a dor que sente ao perdê-lo é de onde Maria-Nova tira suas forças, pois “[a] dor de Tio Totó significava para ela um compromisso de busca de uma melhor forma de vida para si própria e para os outros” (Evaristo, 2017, p. 176). Maria-Nova florescerá:

Sim, ela iria adiante. Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo (Evaristo, 2017, p. 177)

Considerações Finais

No projeto literário de Conceição Evaristo, a centralidade da voz feminina e a construção de personagens mulheres constituem marcas fundamentais de sua escrita. Todavia, o objetivo deste artigo foi deslocar o olhar para outros sujeitos que também atravessam esse universo narrativo: os homens e pais negros. Ao contrário dos estereótipos historicamente reiterados na literatura e no imaginário social, que associam os homens negros à irresponsabilidade, à violência ou ao abandono, *Becos da Memória* apresenta personagens cujas trajetórias revelam o sofrimento daqueles que desejaram exercer a paternidade, mas foram sistematicamente impedidos de fazê-lo. As figuras paternas analisadas neste estudo não se configuram como ausências morais ou afetivas, mas como sujeitos atravessados por condições históricas e estruturais que limitam, e muitas vezes inviabilizam, o exercício pleno da paternidade. É justamente a partir dessas impossibilidades que emergem outras formas de constituição familiar, fundamentadas no afeto, na solidariedade e na coletividade, para além dos vínculos estritamente consanguíneos. Nesse sentido, a obra de Conceição Evaristo amplia as reflexões sobre masculinidades e paternidades negras ao evidenciar que a recorrente ausência paterna não pode ser compreendida como uma falha individual, mas como expressão das permanências da colonialidade e das heranças do regime escravocrata. A narrativa

demonstra que essas estruturas continuam produzindo desigualdades, exclusões e processos de desumanização no período pós-abolição, ao mesmo tempo em que reivindica outras possibilidades de existência, cuidado e pertencimento para os sujeitos negros.

Referências

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, Sueli. A questão dos Direitos Humanos e o combate às desigualdades: discriminação e violência. *Geledés*: Instituto da mulher negra, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-questao-dos-direitos-humanos-e-o-combate-as-desigualdades-discriminacao-e-violencia/>. Acesso em 15 jan. 2026.

Collins, Patrícia Hill; Bilge, Sirma. *Interseccionalidade* [recurso eletrônico]. Tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SOUZA, Rolf R. As representações do homem negro e suas consequências. *Revista Fórum Identidades*. Vol. 6. N. 3. p. 97-115. , jul-dez. 2009.

QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas. In: QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor, 2005. P. 117-142.